VARIÁVEIS QUE MANTÊM MULHERES EM RELACIONAMENTOS AMOROSOS COERCITIVOS

Layssa Loyola Volkens¹

Alexandre Gomes Brito²

RESUMO

Os relacionamentos amorosos coercitivos, ou relacionamentos abusivos são relações marcadas pela desigualdade de poder, controle e pela objetificação do outro, que está ali para servir seu parceiro. O presente trabalho tem como objetivo geral identificar as variáveis que mantêm mulheres em relacionamentos amorosos coercitivos, além de compreender se a religião, a condição financeira, influência social e a variabilidade comportamental influenciam em sua permanência nessas relações. Trata-se de uma pesquisa ex-post facto onde os dados foram obtidos através de entrevistas semiestruturadas com 12 mulheres da Grande Vitória - ES, que foram contatadas através do método bola de neve e que em algum momento de suas vidas vivenciaram esse tipo de relação. Os dados foram interpretados através da análise de conteúdo, de modo qualitativo e descritivo, além de terem sido traduzidas pelo olhar da Análise do Comportamento. Como resultados as variáveis religião, condição financeira, contexto social e a variabilidade comportamental tiveram influência na permanência dessas mulheres, porém durante a pesquisa pode-se observar outras variáveis mantenedoras como a identificação da relação coercitiva, filhos e o medo de ficar só.

Palavras-chave: relacionamentos abusivos, relacionamentos coercitivos, violência contra mulher, análise do comportamento.

ABSTRACT

Coercive love relationships, or abusive relationships are relationships marked by inequality of power, control and objectification of the other, who is there to serve his partner. The present work has as general objective to identify the variables that keep women in coercive love relationships, in addition to understanding whether religion, financial condition, social influence and behavioral variability influence their permanence in these relationships. This is an ex-post facto research where data were obtained through semi-structured interviews with 12 women from Greater Vitória - ES, who were contacted through the snowball method and who at some point in their lives experienced this type of relationship. Data were interpreted through content analysis, in a qualitative and descriptive way, in addition to having been translated through the perspective of Behavior Analysis. As a result, the variables religion, financial condition, social context and behavioral variability had an

¹ Graduanda do curso de Psicologia do Centro Universitário Salesiano. E-mail: layssavolkens@gmail.com

² Mestre em Segurança Pública, Especialista em Terapia Comportamental e professor do curso de Psicologia do Centro Universitário Salesiano. E-mail: abrito@souunisales.com.br

influence on the permanence of these women, but during the research it was possible to observe other maintaining variables such as the identification of the coercive relationship, children and the fear of being alone.

Keywords: abusive relationships, coercive relationships, violence against women, behavior analysis

1. INTRODUÇÃO

Durante os últimos anos, houve um aumento significativo de mulheres que vêm sofrendo algum tipo de violência, fator esse que pode levar a morte da vítima. Segundo levantamento de dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) “em 2018, uma mulher foi assassinada no Brasil a cada duas horas, totalizando 4.519 vítimas” (2020, p.36), em outras palavras, no ano de 2018 o Brasil apresentou uma média de 4,5 homicídios por 100 mil mulheres, legitimando assim o porquê da violência contra mulher ser considerada uma questão de saúde pública (IPEA, 2020).

Uma importante discussão que acompanha o debate sobre os homicídios de mulheres é a questão do feminicídio. No Brasil, a tipificação criminal foi dada pela Lei no 13.104, de 2015, que definiu o crime como o homicídio de mulheres em contexto de violência doméstica e familiar ou em decorrência do menosprezo ou discriminação à condição de mulher (BRASIL apud IPEA, 2020, p.38).

Ainda referente a dados obtidos pelo IPEA, relacionados ao ano de 2013 a respeito de violências variadas, 24,9% das mulheres entrevistadas entre 18 a 29 anos afirmaram que os perpetradores das agressões sofridas foram seus parceiros (as), enquanto 18,2% afirmaram que os agressores foram seus ex companheiros (as). Já entre a faixa etária de 30 a 59 anos, 23,3% afirmaram que os agressores foram seus parceiros (as) e 10,8% afirmaram que os perpetradores das violências foram seus ex companheiros (as) (FONTOURA, REZENDE, QUERINO, 2020).

Além disso, dados obtidos da Fundação Perseu Abramo citado por Bittar e Kohlsdorf (2013, p.449) afirmam que “[...] duas em cada três pessoas atendidas nos hospitais em razão de violência doméstica são mulheres [...] em 66% dos casos, os responsáveis pelas agressões foram os maridos ou companheiros [...]”.

Segundo estimativas publicadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS), uma em cada três mulheres, ou seja, 35% da população mundial já sofreram violência física e/ou sexual por parte do parceiro ou de terceiros durante a vida. No entanto, a maior parte dos casos é infligida por seus parceiros, sendo assim podemos dizer que as mulheres correm mais riscos de sofrerem algum tipo de violência por pessoas conhecidas do que desconhecidas (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE).

Além disso, segundo uma pesquisa realizada pelo DataSenado (2019) com mulheres de todas as unidades de federação acerca da temática de agressões contra as mulheres no país, 27% das entrevistadas declararam já ter sofrido algum tipo de violência doméstica ou familiar provocada por um homem, sendo que destas 66% disseram ter sofrido violência física, 52% psicológica, 36% moral, 16% sexual, 11% patrimonial. Nesse estudo, a maior parte das agressões foram causadas por marido/companheiro/namorado (41%) e ex-marido/ex-companheiro/ex-namorado (37%). Ainda segundo levantamento do DataSenado, “[...] cerca de 24% das vítimas

ainda convivem com o agressor, 34% dependem dele economicamente e 31% das entrevistadas afirmaram não ter feito nada em relação à última violência sofrida” (2019, p.12).

Esses dados apenas evidenciam a cultura machista na qual nossa sociedade está pautada, onde as relações são marcadas pela dominação masculina e subordinação/submissão feminina. Sendo assim é impossível abordar o tema da violência contra mulher sem abordar a violência de gênero, uma vez que essa

[...] estrutura-se – social, cultural, econômica e politicamente – a partir da concepção de que os seres humanos estão divididos entre machos e fêmeas, correspondendo a cada sexo lugares, papéis, status e poderes desiguais na vida privada e na pública, na família, no trabalho e na política (FALEIROS, 2007, p.62).

Essa concepção de lugares delegou ao gênero feminino o papel de inferior e subalterno ao gênero masculino e o papel de detentor do poder ao gênero masculino. Em outras palavras, “historicamente, os machos estruturaram o poder patriarcal de dominação sobre as fêmeas [...]” (FALEIROS, 2007, p.62), fator que aumenta a exposição de mulheres a violência apenas pelo fato de serem mulheres (CRUZ et. al. 2018).

É importante citar que existem crenças sociais que acabam por minimizar e deslegitimar a violência sofrida pelas mulheres, tais como frases: em briga de marido e mulher ninguém mete a colher, se tenho ciúmes é porque te quero, não termina com o marido porque não quer e continua apanhando porque quer. Essas e outras descrições apenas geram sofrimento para vítima que já está fragilizada e faz com que ela passe a sofrer em silêncio, ao invés de denunciar os abusos sofridos, uma vez que a sociedade ao invés de dar apoio tende a julgá-la (CRUZ et. al. 2018).

Como a maioria dos casos relatados por diversas pesquisas têm como violador o namorado, noivo, esposo ou ex-parceiro, esses relatos se encaixam no quadro de violência conjugal, uma vez que essa é descrita por episódios violentos que acontecem entre pessoas que se amam ou amaram e possuem ou possuíram relacionamentos íntimos (CRUZ et. al. 2018). Além disso, esses casos podem ser caracterizados como relacionamentos abusivos, uma vez que os relacionamentos abusivos

[...] se manifestam através de intimidações, humilhação, desqualificação, fazer a pessoa sentir-se mal consigo mesma, empurrar, esbofetear, estrangular, ameaçar usar armas brancas ou armas de fogo, forçar relações sexuais, assassinatos, dentre outras (ALBERTIM, MARTINS, 2018, p.3).

Sendo assim, é impossível falar sobre relacionamentos abusivos sem citar os tipos de violência existentes e que podem ocorrer dentro dessas relações. Sendo elas: a violência psicológica, que é descrita por comportamentos que causem danos emocionais a vítima, desde a diminuição da autoestima até ameaças e manipulação; a violência física, que é caracterizada por qualquer comportamento que viole a integridade ou saúde corporal da vítima; a violência sexual, que é entendida como qualquer conduta que obrigue a vítima a presenciar ou a participar de relações sexuais sem o seu consentimento, além de impedir que a mesma utilize métodos contraceptivos, a force a se prostituir, casar, engravidar ou a abortar, ou seja, anulando seus direitos sexuais; a violência patrimonial, que é entendida como qualquer conduta que retenha, subtraia ou destrua objetos da vítima e a violência moral que é caracterizada por qualquer conduta que caracterize calúnia, difamação ou injúria (BRASIL, 2006).

Atualmente as mulheres contam com uma lei que foi criada exclusivamente para protegê-las, a Lei 11.340, mais conhecida como Lei Maria da Penha, que foi resultado do trabalho e da mobilização de movimentos femininos (MENEGBEL et. al. 2013).

Segundo o Art. 5º desta lei citada anteriormente “[...] configura violência doméstica e familiar contra a mulher qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial” (BRASIL, 2006, Lei 11.340). Seja ela no âmbito doméstico, familiar e em qualquer relação íntima de afeto (BRASIL, 2006).

Sabe-se que a relação violenta traz diversas consequências para vítima, sendo elas físicas, psicológicas e sociais, como uma diminuição do sentimento de autoestima, autocuidado, entre outros. “Segundo dados do instituto datafolha a cada hora do ano de 2016, 503 mulheres sofreram algum tipo de agressão física, sendo que 26% delas ainda convivem com o agressor” (PEREIRA, CAMARGO, AOYAMA, 2018, p.11) e isso nos leva a pensar sobre o que leva essas mulheres a se manterem nesses relacionamentos.

Dito isso, o presente trabalho surge com o propósito de responder a essa questão, tendo como objetivo geral identificar as variáveis que mantêm mulheres em relacionamentos amorosos coercitivos, uma vez que esses são altamente prejudiciais para as mesmas. A fim de compreender se a religião, questões econômicas, contexto social e a variabilidade comportamental influencia ou não em sua permanência nessas relações.

Sendo assim, a relevância científica se dá através da obtenção de conhecimento a respeito das razões que levam essas mulheres a permanecerem em relacionamentos coercitivos e a dificuldade em se desvencilhar deles, alcançado através do olhar analítico comportamental, agregando, assim, conhecimentos juntamente a pesquisas já realizadas sobre o tema. Já a relevância social, se faz presente através da promoção de novas possibilidades de interpretação do fenômeno das relações amorosas coercitivas e, conseqüentemente, propiciar intervenções mais efetivas em relação a esses casos de violência.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 RELACIONAMENTO AMOROSO COERCITIVO

Para que uma relação seja considerada abusiva ela deve ser minada de eventos violentos, sejam eles de origem física, psicológica, sexual, moral ou patrimonial, onde "a violência tem como função controlar o comportamento de outrem, buscando a eliminação ou diminuição da frequência dos comportamentos considerados indesejáveis pelo agressor" (GOMES, 2018, p.16). O agressor faz uma modelagem do comportamento da vítima, onde ele reforça os comportamentos agradáveis para ele, por exemplo elogiando a mulher quando ela faz o que ele deseja e punindo através de gritos e tapas, ou não reforçando os comportamentos que não o agradam, dessa maneira ele vai moldando os comportamentos da vítima (BAUM, 2019).

No entanto, para a vítima esses comportamentos são considerados aversivos, uma vez que esses estímulos são desagradáveis. Por esta razão, neste trabalho, o termo

relacionamento abusivo será substituído por relação coercitiva, pois segundo Skinner citado por Pereira, Camargo e Aoyama (2018, p.12) “[...] toda contingência em que estiver operando alguma forma de evento aversivo será chamada de contingência coercitiva”.

Damos o nome de controle aversivo do comportamento diante das consequências de reforço negativo, punição positiva e punição negativa, dado que

Defende-se que o controle exercido pelos três tipos de consequências é aversivo porque indivíduo se comporta para que algo não aconteça, ou seja, para subtrair um estímulo do ambiente ou para fazer com que ele nem mesmo ocorra (MOREIRA, MEDEIROS, 2007, p.64).

Se uma mulher sai com as amigas e ao voltar para casa ela é recebida com gritos e xingamentos do seu companheiro a probabilidade dela sair novamente é menor, pois sabe-se que a punição diminui a probabilidade desse comportamento voltar a ocorrer. Sendo assim, das próximas vezes que ela for chamada para sair ela poderá emitir um comportamento de fuga ou esquiva, visto que esse remove um estímulo aversivo presente ou evita com que ele aconteça (MOREIRA, MEDEIROS, 2007).

É importante ressaltar que nenhum relacionamento começa por meio de tapas e xingamentos, se isso acontecesse provavelmente nenhuma mulher entraria em um relacionamento coercitivo. Segundo Lopes e Silva (2021), no início da relação abusiva, o abusador se comporta de maneira agradável, afetuosa e compreensiva, estando disponível e demonstrando interesse na relação. Essa fase normalmente é considerada como uma fase perfeita, então quando a vítima passa a confiar no violador, ele altera o padrão da relação. Nessa modificação o sujeito passa a fazer solicitações e pedidos para a mulher, a fim de controlá-la, cujas solicitações podem ser rígidas e até violentas, no entanto, vem intercalados de reforçadores para a vítima, mantendo-a assim nesse ciclo vicioso.

Os esquemas de reforçamento intermitente consistem em reforços inconstantes, então não sabe-se quando um comportamento será reforçado ou não, devido a isso esses esquemas de reforçamento são mais resistentes à extinção do que esquemas de reforçamento contínuo, devido a sua imprevisibilidade (MOREIRA, MEDEIROS, 2007).

Ainda sobre padrões de comportamento agressivo, vale ressaltar que este como outros comportamentos dos seres humanos é aprendido, ou seja, ninguém nasce bom ou ruim, visto que “[...] um padrão agressivo pode ser produzido ou controlado por contingências em vigor ou também pode ser aprendido por meio do ambiente social, de imitação e controle por regras” (PEREIRA, CAMARGO, AOYAMA, 2018, p.13). Sendo assim, o homem aprende a agredir a mulher.

Desde que o indivíduo nasce, seus comportamentos são modelados pela sociedade da qual ele faz parte, selecionando através do reforço diferencial o papel do feminino e do masculino dentro de nossa sociedade (LOPES, SILVA, 2021). Algo importante a ressaltar é que vivemos em uma sociedade com raízes machistas e patriarcais, devido a isso a respeito das

[...] práticas culturais relacionadas às questões de gênero, pode-se supor que apesar das práticas que beneficiam homens em detrimento de mulheres produzirem consequências negativas para a sociedade, elas se mantêm porque produzem reforçadores para a parcela da população que possui maior controle das contingências em vigor, isto é, os homens (GOMES, 2018, p.15).

Além de que "a evolução do comportamento não pressupõe o progresso de forma que é possível a seleção de práticas culturais "não adaptativas" as quais podem convergir para o surgimento de um problema social" (GOMES, 2018, p.14) que neste caso se apresenta através de índices alarmantes de casos de violência contra mulher.

Ademais "[...] a violência é reforçadora para quem a pratica, pois a curto prazo produz os resultados desejados" (GOMES, 2018, p.17), ou seja, o homem utiliza da violência (punição) para controlar os comportamentos de sua companheira e assim conseguir o que deseja.

Além disso, é relevante mencionar que "[...] verifica-se que a mulher vítima de violência doméstica pode, em sua história de vida, já apresentar um repertório de vivências violentas, o que pode favorecer o assujeitamento frente à violência." (PEREIRA, CAMARGO, AOYAMA, 2018, p.13), uma vez que ela pode ter aprendido através da aprendizagem por modelo ou aprendizagem observacional, que consiste na aquisição de repertório comportamental através da observação do comportamento de outros sujeitos e da imitação deles, que os relacionamentos amorosos são assim e que se relacionar dessa forma é o natural (SKINNER, 2005). Isso se confirma através da pesquisa de Santos onde ele diz que "[...] as mulheres que presenciaram agressões em suas famílias de origem podem vir a aceitar agressões de ao/a seu/sua companheiro/companheira" (2019, p. 19).

Segundo Santos (2019) a violência psicológica, por não deixar marcas visíveis, diferentemente da violência física se torna mais difícil de ser identificada pela vítima, dito isso, a exposição a esse tipo de violência pode acabar se prolongando, uma vez que uma longa exposição a esse tipo de violência pode levar a mulher a ter uma baixa autoestima, devido a desvalorização, acusação e humilhação que é exposta regularmente.

Além disso, outro fator que dificulta a identificação por parte das vítimas é que o abusador apresenta uma forte influência e controle sobre elas, mantendo assim a relação através de ameaças e chantagens (SANTOS, 2019).

[...] tanto quem pratica a violência ou o abuso quando quem sofre este abuso não discriminam o que estão vivenciando, pois muitas vezes os abusos ocorrem de forma sutil ou porque são topograficamente semelhantes a comportamentos aceitos socialmente (como cuidado, correção, proteção, etc), ou ainda naturalizados, como aqueles emitidos por personagens da literatura e dramaturgia apresentados como galãs (LOPES, SILVA, 2021, p. 164).

Outro fator importante a ser destacado é que, comumente os relacionamentos amorosos coercitivos são tratados como que exclusivamente por relacionamentos hetero conjugais, porém eles também ocorrem em relacionamentos homoafetivos (AGOSTINI et. al. 2021).

Os relacionamentos hetero conjugais costumam ser mais citados pois o número de mulheres que sofrem algum tipo de violência cometida por homens diariamente é maior do que o número de violências cometidas por mulheres. Isso se confirma através dos dados relatados por Fontoura, Rezende e Querino (2020) a respeito de entrevistados que afirmaram terem sido vítimas de pelo menos uma ameaça ou agressão, por sexo e sexo do agressor, nos últimos doze meses, 2010 a 2012, 52,08% das mulheres entrevistadas afirmaram que o seu agressor foi um homem, enquanto 38,10% afirmaram que foi uma mulher.

Um fator que é importante ser citado são as autorregras, que consistem em regras emitidas pela própria pessoa que também podem ser responsáveis por sua permanência em relacionamentos amorosos coercitivos (SILVARES, JUNIOR, PRISZKULNIK, 2013).

Para analisar o que mantém essas mulheres nesses relacionamentos foi utilizado o método da Análise Funcional, uma vez que esse busca compreender a função nesse caso das mulheres em permanecerem em um relacionamento aversivo. Dito isso, o objetivo se deu por examinar se as variáveis financeiro, religião, influência social e variabilidade comportamental tiveram influência em sua permanência.

2.2 ASPECTO FINANCEIRO

Segundo uma pesquisa realizada por Pereira, Camargo e Aoyama (2018) um dos fatores que pode contribuir para a permanência de mulheres em relacionamentos amorosos coercitivos é a dependência financeira, pois para as pessoas se sustentarem na sociedade contemporânea é preciso dinheiro, uma vez que ele é um reforçador condicionado generalizado. Com ele conseguimos autonomia, uma vez que somos capazes de comer, comprar roupas, pagar contas, entre outros, sem depender de terceiros. No entanto, essas mulheres por não conseguirem se sustentar sozinhas, por dependerem financeiramente do marido, ou não conseguirem manter o estilo de vida que elas têm vivendo com o companheiro, passam a aceitar as violências sofridas dentro dessas relações. (MOREIRA, MEDEIROS, 2007).

Segundo uma pesquisa realizada por Gomes (2018), a questão financeira também se fez presente entre as variáveis controladoras do comportamento de permanecer em relacionamentos abusivos. E além dele, Santos (2019), aborda a questão financeira. Segundo a autora, diversos fatores precisam ser pensados para que uma mulher seja capaz de se desvencilhar completamente de seu abusador e um desses fatores é a questão financeira, pois quando uma mulher se encontra em um relacionamento amoroso coercitivo é comum que esse parceiro controle seu dinheiro, até porque assim, eles conseguem dificultar a separação. Isso se confirma através de pesquisas realizadas pelo DataSenado (2019) onde 34% das mulheres que afirmaram ter sofrido algum tipo de violência doméstica ou familiar provocada por um homem dependem economicamente dele.

2.3 ASPECTO RELIGIOSO

Sabe-se que a religião é um dos pilares mais importantes da sociedade, além de ser um dos mais antigos. Ela é responsável por moldar pensamentos e comportamentos de acordo com o que se considera certo e errado, moral e imoral e virtuoso ou pecaminoso. Isso ocorre através do processo de reforçamento diferencial, onde os comportamentos aceitos são reforçados pela comunidade em questão e os não aceitos são punidos ou colocados em extinção (SKINNER, 2003).

Sendo assim, o indivíduo que pertence a esse grupo acaba adquirindo seus costumes e crenças, para que assim, possa pertencer e ser aceito nessa comunidade. O grupo passa a exercer “[...] um controle ético sobre cada um de seus

membros através, principalmente, de seu poder de reforçar ou punir” (SKINNER, 2003, p.363).

Uma das formas de controle utilizada pela religião são suas regras, uma vez que elas “[...] controlam o comportamento de maneira que o sujeito não precisa ter contato direto com as contingências para se comportar de determinada maneira, isso porque as regras descrevem contingências e podem alterar a função de outros estímulos” (GOMES, 2018, p.14), ou seja, eu não preciso me expor diretamente às contingências.

Frases como “assim, eles já não são dois, mas sim uma só carne. Portanto, o que Deus ajuntou não o separe o homem” (BÍBLIA, 2003, Mt 19, 6, p. 29); “a mulher casada está ligada pela lei todo o tempo que o seu marido vive [...]” (BÍBLIA, 2003, I Co 7, 39, p. 234); “vós, mulheres, sujeitai-vos a vossos maridos como ao Senhor; Porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da igreja [...]” (BÍBLIA, 2003, Ef 5, 22.23, p. 270); “e se pecar contra ti sete vezes no dia, e sete vezes vier ter contigo dizendo: arrependo-me; perdoa-lhe” (BÍBLIA, 2003, Lc 17, 4, p. 111), “a mulher virtuosa é a coroa do seu marido, mas a que procede vergonhosamente é como apodrecimento nos seus ossos” (BÍBLIA, 2003, Pv 12, 4, p. 783) podem ser responsáveis por mulheres se manterem em relacionamentos abusivos, uma vez que o divórcio não é algo bem visto pela comunidade religiosa, além de colocar a mulher em um lugar de submissa a seu marido e incitar o perdão independente de tudo.

Segundo um estudo realizado por Pereira, Camargo e Aoyama a religião foi uma das variáveis apontadas por manter mulheres em relacionamentos amorosos coercitivos, uma vez que “[...] a religião ensina que as mulheres devem ser obedientes passivas e submissas acaba contribuindo para a produção e reprodução das diversas formas de violência que as acometem” (PEREIRA, CAMARGO, AOYAMA, 2018, p.15).

2.4 INFLUÊNCIA SOCIAL

Sabe-se que nossos comportamentos são selecionados através do modelo de seleção por consequências que são divididos em três níveis, sendo eles o filogenético que diz respeito a evolução da espécie, o ontogenético que diz respeito a história de vida do sujeito, ou seja, as contingências às quais ele foi exposto durante sua vida e o nível cultural que diz respeito a práticas culturais da sociedade na qual estamos inseridos (BAUM, 2019).

Segundo uma pesquisa realizada por Gomes (2018) a respeito das variáveis controladoras do comportamento de permanecer em relacionamentos abusivos, o elogio de familiares e amigos foi uma das variáveis responsáveis pela permanência dessas mulheres, sendo classificado como reforço positivo por permanecer.

Sendo assim, “a comunidade funciona como um ambiente reforçador no qual certos tipos de comportamento são reforçadores e outros punidos [...]” (SKINNER, 2003, p.452), por isso, buscou-se analisar se a influência social foi uma das variáveis que interferiu na permanência das mulheres entrevistadas nos relacionamentos amorosos coercitivos que elas viveram e de que maneira.

2.5 VARIABILIDADE COMPORTAMENTAL

A variabilidade comportamental nada mais é do que a variação do comportamento e essa variação pode mudar de acordo com as contingências que estão sob controle do comportamento (RODRIGUES, RIBEIRO, 2007). Sendo assim, buscou-se identificar se houve uma redução na variabilidade comportamental dessas mulheres durante a vivência do relacionamento amoroso coercitivo, uma vez que

Uma longa história de contato com contingências coercitivas intensas produz déficits importantes de repertório, um deles é a ausência de iniciativa, contribuindo para o surgimento de um padrão submisso (PEREIRA, CAMARGO, AOYAMA, 2018, p.13).

Além disso, outro fator que é importante citar é que

A supressão de comportamentos é um fator que pode ser contribuinte para a manutenção do relacionamento abusivo, visto que favorece para que a vítima se afaste de muitos reforçadores, restando apenas a relação como principal fonte de reforço (LOPES, SILVA, 2021, p.165).

Já que a supressão de outros comportamentos além do punido por ocorrerem de maneira temporal próxima podem ter a sua frequência diminuída, reduzindo assim a variabilidade comportamental do sujeito e aumentando sua passividade (MOREIRA, MEDEIROS, 2007).

3. METODOLOGIA

Para o presente trabalho foram entrevistadas 12 mulheres, maiores de 18 anos, residentes da Grande Vitória e que já vivenciaram em algum momento de suas vidas relacionamentos amorosos coercitivos. Caracterizando-as, essas mulheres residem nos municípios de Cariacica, Vitória, Vila Velha e Serra. No momento da entrevista elas tinham idades entre 22 e 39 anos, porém vivenciaram essas relações com idades entre 13 e 34 anos.

Estas mulheres foram contatadas através do método bola de neve onde o pesquisador passa as informações necessárias a respeito de sua pesquisa para pessoas próximas a respeito das características necessárias para fazer parte da amostra e essas pessoas vão a procura de pessoas que se encaixem na pesquisa (VINUTO, 2014). Além disso, a amostra pode ser considerada por acessibilidade, uma vez que “o pesquisador seleciona os elementos a que tem acesso, admitindo que estes possam, de alguma forma, representar o universo” (GIL, 2008, p.94).

O trabalho realizado também se caracteriza como descritivo, uma vez que, esse tipo de pesquisa “[...] têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno [...]” (GIL, 2002, p.42) e nesse caso, o objetivo é caracterizar o fenômeno dos relacionamentos amorosos coercitivos.

Por conta do trabalho se propor a entrevistar mulheres que já vivenciaram um relacionamento amoroso coercitivo, ele também se qualifica como ex-post facto pois

A tradução literal da expressão [...] é "a partir do fato passado". Isso significa que neste tipo de pesquisa o estudo foi realizado após a ocorrência de variações na variável dependente no curso natural dos acontecimentos (GIL, 2002, p.49).

Além disso, a pesquisa em questão é de cunho qualitativo, uma vez que esta traz uma abertura maior para analisar o processo social, devido a possibilidade que o

entrevistador tem de entender a perspectiva das pessoas que vivenciaram o fenômeno em questão e a partir disso, fazer uma interpretação dos dados que foram levantados (NEVES, 1996).

O instrumento utilizado para coleta de dados foi a entrevista semiestruturada, uma vez que esse tipo de entrevista é formada por perguntas previamente elaboradas pelos pesquisadores com o objetivo de responder às questões que foram levantadas pelo trabalho em questão, além de abrir possibilidades de perguntas extras elaboradas no momento da entrevista que possam complementar o estudo (MANZINI, 2004).

A respeito dos procedimentos, primeiramente foi realizada a elaboração de um pequeno texto no qual continha informações sobre o tema da pesquisa, seu objetivo e o que era necessário para fazer parte da amostra onde após essa elaboração o texto foi compartilhado em diversas redes sociais. Dessa forma as mulheres que tiveram interesse em participar entraram em contato com os pesquisadores que explicaram melhor sobre o trabalho e tiraram quaisquer dúvidas a respeito da pesquisa, após os esclarecimentos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi apresentado, obtendo assim suas autorizações. Em seguida foram realizadas as entrevistas semiestruturadas, gravadas em áudio, nas quais foram transcritas após a sua realização.

Então foi realizado um levantamento de dados das informações com maior significância para pesquisa e a partir disso, foram realizadas as interpretações dos dados obtidos segundo a análise de conteúdo e analisados através da análise do comportamento.

Como o trabalho em questão consistiu na descrição do que manteve mulheres em relacionamentos amorosos coercitivos, a estratégia utilizada para analisar os dados foi a análise de conteúdo. Uma vez que esta abre possibilidades referentes à interpretação do material obtido através do relato verbal, já que “na Análise de Conteúdo o texto é um meio de expressão do sujeito, onde o analista busca categorizar as unidades de texto (palavras ou frases) que se repetem, inferindo uma expressão que as representem” (CAREGNATO, MUTTI, 2006, p.682). Nesse contexto, para analisar os dados, foram criadas 7 categorias: identificação da relação coercitiva, financeiro, religião, filhos, influência social, variabilidade comportamental e medo de ficar só.

A partir disso, a abordagem escolhida para interpretar os dados obtidos na pesquisa foi a análise do comportamento. Uma vez que esta abre possibilidades para avaliar quais variáveis interferem na decisão de mulheres a permanecerem em relacionamentos aversivos, através do relato verbal das participantes obtido por meio das entrevistas.

A respeito dos aspectos éticos a pesquisa em questão garantiu às participantes o sigilo de suas identidades, uma vez que foram utilizados nomes fictícios para nos referirmos a elas, sendo eles: Mulher 1, Mulher 2, Mulher 3, Mulher 4, Mulher 5, Mulher 6, Mulher 7, Mulher 8, Mulher 9, Mulher 10, Mulher 11 e Mulher 12. Garantindo a segurança necessária para que essas mulheres se sintam seguras de falarem sobre suas vivências sem serem expostas.

Além disso, vale ressaltar que a pesquisa só teve início após a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido pelas participantes da pesquisa, garantindo

assim o caráter voluntário. Evitando qualquer tipo de problema futuro para os pesquisadores (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2005).

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para a presente pesquisa foram entrevistadas 12 mulheres que vivenciaram relacionamentos amorosos coercitivos em algum momento de suas vidas. A respeito do nível de escolaridade das entrevistadas, ele se encontra entre ensino superior incompleto e ensino superior completo, quanto ao município em que residem, 5 entrevistadas residem em Vitória, 3 em Cariacica, 3 na Serra e 1 em Vila Velha. Quanto ao tempo de permanência nesses relacionamentos amorosos coercitivos eles variaram entre 1 mês a 6 anos de relacionamento. Adiante será apresentado o quadro 1 que contém mais informações a respeito dessas mulheres:

Quadro 1 - Caracterização da Amostra

PARTICIPANTES	IDADE	RELIGIÃO	FILHOS	RELAÇÃO COERCITIVA
Mulher 1	32 anos	Sim	Não	1 relação
Mulher 2	27 anos	Sim	Não	2 relações
Mulher 3	22 anos	Sim	Não	1 relação
Mulher 4	22 anos	Não	Não	2 relações
Mulher 5	23 anos	Sim	Não	1 relação
Mulher 6	31 anos	Sim	Não	2 relações
Mulher 7	27 anos	Sim	Sim	2 relações
Mulher 8	32 anos	Sim	Não	3 relações
Mulher 9	37 anos	Sim	Sim	2 relações
Mulher 10	22 anos	Não	Não	2 relações
Mulher 11	22 anos	Não	Não	1 relação
Mulher 12	39 anos	Sim	Sim	1 relação

Fonte: Autoria Própria

Dentre as 12 entrevistadas, 11 vivenciaram relacionamentos amorosos coercitivos em uma relação heteroafetiva, sendo assim apenas a entrevistada Mulher 5 vivenciou um relacionamento homoafetivo amoroso coercitivo. Essa informação

corroborar com os dados de Agostini et. al. 2021, onde afirma que os relacionamentos amorosos coercitivos não ocorrem apenas em relacionamentos heteroafetivos, pois eles também em relações homoafetivas, ainda que em menor frequência que os heteroafetivos.

A respeito da identificação de estar vivendo um relacionamento amoroso coercitivo, algumas entrevistadas afirmaram ter identificado apenas após o término da relação, podemos notar isso através das falas: “bom no primeiro foi só quando eu saí [...]” (MULHER 4, 2021).

Hoje olhando pra trás eu sei quando eu tava, eu emagreci muito, virei uma outra pessoa. Quem me conheceu naquela época e me vê hoje vê a diferença que era visível em aspectos comportamentais mesmo, como eu me vestia, como eu andava, como eu falava, como eu agia nos lugares e tal, mas eu só percebi mesmo no dia que eu coloquei um fim e saí de dentro dela (MULHER 1, 2021).

Foi quando a gente terminou na verdade, eu não percebi na hora sabe? No relacionamento. Eu percebi depois quando eu fui analisar o relacionamento em si. Eu percebia que ele me privava de muita coisa, ele tinha muita crise de ciúmes [...] (MULHER 11, 2021).

Podemos analisar essas falas através da colocação de Santos (2019) a respeito da dificuldade que a vítima pode ter para identificar que está vivenciando um relacionamento amoroso coercitivo, por ter passado apenas pela violência psicológica, uma vez que essa não deixa marcas físicas e isso se confirma, pois ao perguntar tanto para Mulher 1, Mulher 4 e Mulher 11 sobre quais tipos de violência elas identificaram no relacionamento, todas disseram ter vivido situações de violência psicológica.

Vale ressaltar que a Mulher 4 (2021), descreve:

[...] tinha umas parada meio abusiva de falar que eu não devia usar maquiagem, que eu devia usar determinadas roupas mas era uma coisa muito, tão branda e suave que eu não percebia essa manipulaçãozinha [...] (MULHER 4, 2021).

Essa fala remete ao posicionamento de Lopes e Silva (2021) ao colocar que os comportamentos abusivos podem ser topograficamente semelhantes a comportamentos aceitos e naturalizados socialmente entendidos como cuidado, dificultando assim a identificação por parte da vítima.

No entanto a Mulher 12, também afirmou que só percebeu que estava vivenciando um relacionamento amoroso coercitivo após o término, através da fala:

Foi mais ou menos uns 6 meses depois que a gente terminou o relacionamento [...] eu fui perceber depois de parar, refletir e ver assim é eu vivi realmente um relacionamento abusivo em todos os sentidos (MULHER 12, 2021).

E a respeito das violências sofridas a entrevistada afirmou que: “[...] fui agredida fisicamente, eu fui agredida psicologicamente, emocionalmente, eu fui agredida sexualmente, todos os tipos de abuso que você imaginar eu sofri [...]” (MULHER 12, 2021), o que demonstra que a dificuldade de discriminar a relação coercitiva vivida ocorre independente das violências sofridas.

A respeito da categoria financeira, apenas três entrevistadas, sendo elas: Mulher 2, Mulher 9 e Mulher 12, afirmaram que esse fator influenciou em sua permanência nas relações vividas.

Ao ser questionada a respeito do tema, a entrevistada Mulher 2 afirmou que dependia financeiramente do namorado e que essa foi uma questão que a influenciou a permanecer no relacionamento, onde segundo ela:

[...] eu achava que eu não ia dar conta, tanto é que eu entrei em uma crise financeira logo depois que a gente terminou porque eu não dei conta de continuar o que ele tava bancando, principalmente as dívidas que ficaram pra trás (MULHER 2, 2021).

Através dessa fala, podemos perceber a presença do reforço positivo e reforço negativo, onde o reforço positivo se caracterizou através da estabilidade financeira promovida pela relação e o reforço negativo se demonstrou através da esquiva de uma possível crise financeira sendo o responsável por mantê-la por mais tempo na relação, pois após o término do relacionamento a entrevistada realmente passou por uma crise financeira (MOREIRA, MEDEIROS, 2007).

Ao questionar a Mulher 12 se ela teria para onde ir caso terminasse a relação a mesma afirmou que “não, eu não teria para onde ir porque eu ganhava pouco, o aluguel muito caro, talvez eu teria que pedir conta e voltar pra minha cidade lá em minas [...] e isso fez eu postergar o término” (MULHER 12, 2021), o que demonstra mais uma vez que a estabilidade financeira promovida pela relação e a esquiva de uma possível crise financeira, são variáveis que podem influenciar na permanência de mulheres em relacionamentos amorosos coercitivos.

Esses dados corroboram com a pesquisa realizada por Pereira, Camargo e Aoyama (2018), além de Gomes (2018) e Santos (2019), onde eles apontam o fator dependência financeira como uma variável responsável pela permanência de mulheres em relações amorosas coercitivas.

Porém as entrevistadas Mulher 1, Mulher 3, Mulher 4, Mulher 5, Mulher 6, Mulher 7, Mulher 8, Mulher 10 e Mulher 12 afirmaram que o fator financeiro não foi um fator que influenciou na sua permanência nessas relações uma vez que elas não dependiam, direta e nem indiretamente, financeiramente de seus parceiros.

Fazendo um recorte da fala da Mulher 9 (2021), “[...] eu terminei desempregada mas eu sempre tive muito apoio da minha família [...] eu não tinha medo de não ter pra onde ir, tanto que meu pai antes de eu casar ele falou que eu podia ficar lá [...]”, o que demonstra a importância de ter uma rede de apoio quando está se vivenciando uma relação assim (SANTOS, 2019).

Quanto a categoria religião, de todas as entrevistadas, apenas três mulheres, sendo elas as mulheres 4, 10 e 11 afirmaram não ter nenhuma religião e que devido a isso a religião não teve influência em sua permanência no relacionamento. No entanto nove mulheres se afirmaram religiosas e dentro dessas nove apenas as mulheres 7 e 9 afirmaram que a religião foi um fator que influenciou em sua permanência nos respectivos relacionamentos vivenciados, através das falas:

sim, porque eu tinha aquela cabecinha de que tinha que namorar, casar e noivar com a mesma pessoa. Que era assim, tinha que ser assim e eu não podia também ficar namorando várias pessoas, eu tinha que escolher um e ficar até morrer (MULHER 7, 2021).

Sim, principalmente no primeiro porque como as duas famílias eram muito da igreja ficou aquela questão assim, vocês são muito novos, todo casamento passa por dificuldades, que vocês precisam amadurecer e entender que não é qualquer briga que você vai pedir pra separar. Então assim, eu fiz aqueles grupos sabe de casais, antes de separar [...] muito

por um apelo tanto da minha família quanto da dele na tentativa de resgatar a relação. (MULHER 9, 2021).

Diante da fala da Mulher 7 exposta anteriormente podemos notar a presença de uma autorregra a respeito dos relacionamentos, onde ela deve se manter com o mesmo parceiro para o resto de sua vida e é possível notar raízes religiosas nesse posicionamento, uma vez que a bíblia coloca que o que Deus uniu o homem não separa (SILVARES, JUNIOR, PRISZKULNIK, 2013; BÍBLIA, 2003).

E através da fala da Mulher 9 é possível notar a utilização da ferramenta do reforçamento diferencial e do controle por regras. A família punia a ação de separação, reforçando a tentativa de manter o relacionamento que se mantinha através de regras como: “não é qualquer briga que você vai pedir para separar” (MULHER 9, 2021).

Em relação a categoria influência social, podemos notar na fala da Mulher 2 como as questões sociais também podem influenciar na permanência dessas mulheres nas relações:

[...] pra todo mundo ele era muito bom, ele era uma pessoa perfeita pra todo mundo, meus pais amavam ele, minha família toda amava ele [...] a primeira vez q a gente terminou que eu tentei terminar todo mundo falava: ah, porque você é muito ciumenta, o menino é tão bom, ele faz tudo pra você, porque ele te ajuda no seu estúdio, fez isso e fez aquilo, nossa, minha avó me julgava muito, minha mãe e meu pai [...] (MULHER 2, 2021).

Através da fala anterior é possível perceber que enquanto a família percebia o ex como um reforçador positivo, para essa mulher ele era um estímulo aversivo. Porém os reforços positivos dados pela família da vítima através de elogios a respeito do companheiro influenciaram na sua tomada de decisão, além das punições positivas por parte desses familiares através de críticas por ter terminado a relação (MOREIRA, MEDEIROS, 2007). Esses dados corroboram com a pesquisa de Gomes (2018) onde ele aponta como reforçamento positivo por permanecer/retornar os elogios de amigos e familiares por retornar a relação e como reforçamento negativo por permanecer/retornar evitar punições contingentes a saída da relação, sendo assim, é possível que para a participante a manutenção dessa relação gerava um sentimento de alívio.

Já em relação a categoria filhos dentre as mulheres entrevistadas apenas 3 afirmaram ter filhos, no entanto apenas a Mulher 9 teve um filho que foi fruto desse relacionamento coercitivo que ela vivenciou e segundo ela o fato de ter filhos com o abusador foi um fator que a fez se manter por mais tempo nesse relacionamento, isso pode ser notado através da fala:

[...] será que eu estou tentando o máximo para que a minha filha amanhã ou depois não me julgue, ou não me cobre, era mais voltado pro lado dela, era mais por ela do que por mim [...] meu receio era poder proporcionar ou não, ou privar a minha filha de viver aquele entorno familiar, era isso (MULHER 9, 2021).

O que demonstra a presença de um reforço negativo, uma vez que “um reforçador negativo é apropriadamente definido como um estímulo cuja redução ou remoção fortalece o comportamento [...]”(SKINNER, 2005, p. 170) e essa mulher para não sofrer possíveis represálias futuras da filha buscou manter a relação com o seu parceiro, pai da criança.

Em relação a categoria medo de ficar só, ao questionar a Mulher 3 a respeito do julgamento alheio, ela disse que esse não teve interferência em sua permanência na relação: "Não, nunca tive esse medo não, na verdade eu sempre tive o medo de ficar sozinha e não do que as pessoas iriam pensar" (MULHER 3, 2021). Porém algo que podemos notar através de sua fala é que o medo de ficar sozinha foi uma variável que influenciou em sua permanência na relação.

Além dessa participante, também podemos perceber na fala da Mulher 4 o medo de ficar sozinha, uma vez que ela disse: "eu tinha medo de perder ele porque eu tinha uma dependência emocional muito grande" (MULHER 4, 2021), da Mulher 11 (2021); "[...] eu achava que eu nunca ia encontrar alguém como ele, alguém que me amasse como ele, que eu achava que o amor dele era o amor"; e na fala da Mulher 2 onde:

[...] eu tinha medo dele me largar porque ele plantou na minha cabeça e eu conseqüentemente aceitei que ele era único então ele fazia toda aquela chantagem emocional de ah se você terminar você nunca vai achar ninguém melhor que eu, você nunca vai ser feliz com outra pessoa e esse tipo de coisa (MULHER 2, 2021).

Esses comportamentos de se manter nos relacionamentos estavam sendo reforçados negativamente, uma vez que elas permaneceram nessas relações para se esquivar da solidão (MOREIRA, MEDEIROS, 2007). Além disso, diante da fala da Mulher 2, podemos perceber a influência de uma regra que foi ditada pelo seu abusador na qual ele afirmava que ela nunca encontraria ninguém melhor que ele e "regras são descrições verbais de contingências que podem funcionar como estímulos discriminativos ou como estímulos alteradores da função de outros estímulos, dependendo das contingências de reforço de que participam" (SILVARES, JUNIOR, PRISZKULNIK, 2013, p.33) dito isso, é possível perceber que essa regra alterou a função dos comportamentos da entrevistada pois antes ela se mantinha na relação pois o namorado a reforçava positivamente e depois ela passou a se manter nele para fugir de uma possível solidão.

Já a respeito da categoria variabilidade comportamental, podemos perceber que durante a vivência do relacionamento amoroso coercitivo a entrevistada Mulher 3 teve uma redução na variação dos seus comportamentos, onde ela deixou de realizar atividades reforçadoras anteriormente para ela, e isso se demonstra através da fala:

Quando eu não tinha o relacionamento eu ia pra academia, eu adorava, eu sempre fui muito vaidosa [...] eu saía ia pra algum lugar com as minhas amigas, depois que a gente começou a namorar era só estágio, casa e eu super ansiosa [...] chegava do estágio e não fazia nada, não procurava nem um livro pra ler (MULHER 3, 2021).

Além dela a Mulher 5 também se afastou de pessoas e atividades reforçadoras devido ao relacionamento que estava:

Eu praticava vôlei com meus amigos, amigos especificamente do vôlei mas que são meus amigos a anos, sempre joguei vôlei com eles mas que ela me fez parar de falar eu fiquei 3 anos sem jogar vôlei e 3 anos sem falar com ninguém e isso foi muito ruim (MULHER 5, 2021).

Essa fala pode ser analisada através da colocação de Pereira, Camargo e Aoyama (2018, p.13) onde "uma longa história de contato com contingências coercitivas intensas produz déficits importantes de repertório, um deles é a ausência de iniciativa, contribuindo para o surgimento de um padrão submisso", que se fez presente em ambas as entrevistadas, pois a fim de se esquivar de possíveis brigas

elas pararam de fazer atividades anteriormente reforçadoras para ambas (MOREIRA, MEDEIROS, 2007).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de tudo que foi exposto no presente trabalho, podemos concluir que existem diversas variáveis que são responsáveis por manter as mulheres em relacionamentos amorosos coercitivos. Dentre essas se encontram as variáveis da identificação da relação coercitiva, o fator financeiro, a religião, influência social, filhos, medo de ficar só e a variabilidade comportamental.

Não existe uma unanimidade entre as entrevistadas, uma vez que o fator financeiro foi determinante para umas e para outras não, assim como as demais variáveis. Além disso, também podemos perceber a presença de casos em que mais de uma variável foi responsável pela permanência dessas mulheres nessas relações, dificultando ainda mais o seu desvencilhamento dessas relações.

Outro fator importante a ser citado foi que algumas das entrevistadas apenas reconheceram ter vivenciado um relacionamento amoroso coercitivo após o término. Sendo assim, se faz importante promover uma maior conscientização a respeito dos aspectos que caracterizam uma relação amorosa como coercitiva, com o objetivo de ajudar mulheres a discriminar se estão vivenciando ou não uma relação abusiva.

Conseqüentemente, espera-se que esse trabalho contribua com a produção de conhecimento científico já existente sobre o tema, ajude mulheres a perceberem como essas variáveis podem influenciar em sua permanência e abra possibilidades para novas pesquisas, uma vez que ainda existem poucos estudos a respeito desse tema através do olhar da Análise do Comportamento.

6. REFERÊNCIAS

- ALBERTIM, Renata; MARTINS, Marcelo. Ciclo do relacionamento abusivo: desmistificando relação tóxicas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. 41., 2018, Joinville. **Resumos...** Joinville: Intercom, 2018, p. 1-13. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-0301-1.pdf>>. Acesso em: 4 out. 2021.
- AGOSTINI, Maria D' et. al. Representações sociais sobre relacionamento abusivo. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v.7, n.2, p. 20701-20721, fev. 2021. Disponível em: <<https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/25423/20273>>. Acesso em: 14 out. 2021.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. 1 ed. Santo São Paulo: Geográfica Editora, 2003.
- BAUM, William M. **Compreender o Behaviorismo**. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2019.
- BITTAR, Danielle; KOHLSDORF, Marina. Ansiedade e depressão em mulheres vítimas de violência doméstica. **Psicologia Argumento**, Curitiba, v. 31, n. 74, p. 447- 456, jul./ set. 2013. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/20447>>. Acesso em: 14 jun. 2021
- BRASIL, Lei nº. 11.340, de 7 de agosto de 2006. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm>. Acesso em: 11 jun. 2021.
- CAREGNATO, Rita Catalina Aquino; MUTTI, Regina. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Texto & Contexto Enfermagem**. Florianópolis, v.15, n.4, p. 679-684, out. 2006. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/tce/a/9VBbHT3qxByvFCtbZDZHgNP/?lang=pt#>>. Acesso em: 11 out. 2021.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Código de Ética Profissional dos Psicólogos, Resolução n.º 10/05, 2005. _____. Psicologia, ética e direitos humanos. Disponível em: <<https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf>>. Acesso em: 04 jul. 2021.
- CRUZ, Juliana Maria et. al. Relacionamento abusivo: o silêncio dentro do lar. In: EVINCI, 8., 2018, Curitiba. **Relacionamento abusivo: o silêncio dentro do lar**. Curitiba: Anais do EVINCI - UniBrasil, 2018. p. 434-446. Disponível em: <<https://portaldeperiodicos.unibrasil.com.br/index.php/anaisevinci/article/view/4278/3508>>. Acesso em: 27 set. 2021.
- DataSenado. Violência Doméstica e Familiar Contra a Mulher. 2019. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/institucional/datasenado/arquivos/violencia-contra-a-m>

ulher-agressoes-cometidas-por-2018ex2019-aumentam-quase-3-vezes-em-8-anos-1
>. Acesso em: 09 set. 2021.

FALEIROS, Eva. Violência de gênero. TAQUETE, Stella R. **Violência contra mulher adolescente/jovem**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007. p. 61-66. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Jefferson-Drezett/publication/265336500_Violencia_contra_a_mulher_adolescentejovem/links/5408fc370cf2718acd3cfae5/Violencia-contra-a-mulher-adolescente-jovem.pdf#page=61>. Acesso em: 15 jun. 2021

FONTOURA, Natália; REZENDE, Marcela; QUERINO, Ana Carolina. **Beijing + 20: avanços e desafios no Brasil contemporâneo**. Brasília: Ipea, 2020.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar um projeto de pesquisa**. 4ª edição. São Paulo: Editora Atlas, 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Márcia Kellen Tavares. **Por que elas ficam? Uma revisão de literatura analítico-comportamental sobre a permanência de mulheres em relacionamentos coercitivos**. 2018. 64f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Psicologia) - Universidade Federal do Ceará, Campus de Sobral, 2018. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/42722>>. Acesso em: 27 set. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Atlas da violência 2020**. Brasília: IPEA, 2020. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/200826_ri_atlas_da_violencia.pdf>. Acesso em: 27 set. 2021.

LOPES, Camila Daliane Marila; SILVA, Ingrid Pedrassoni da. Considerações acerca do relacionamento abusivo e uma análise das contingências que o envolvem. **Revista Terra e Cultura**. v. 37, n. 72, p. 160-168, jan./jun. 2021. Disponível em: <<http://periodicos.unifil.br/index.php/Revistatest/article/view/2344>>. Acesso em: 4 out. 2021.

MENEGHEL, Stela Nazareth et al. Repercussões da Lei Maria da Penha no enfrentamento da violência de gênero. **Ciência & Saúde Coletiva [online]**, v. 18, n. 3, p. 691-700, 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csc/a/gZtYwLDYSqtgp7wGTTXhw4z/?lang=pt&format=html>>. Acesso em: 09 set. 2021

MOREIRA, Márcio Borges; MEDEIROS, Carlos Augusto. **Princípios Básicos da Análise do Comportamento**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

NEVES, José Luis. Pesquisa qualitativa – características, uso e possibilidades. **Cadernos de pesquisa em administração**, São Paulo. v. 1, n. 3, 1996. Disponível em: <http://www.hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/NEVES-Pesquisa_Qualitativa.pdf>. Acesso em: 1 jul. 2021.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Violência contra as mulheres**. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/topics/violence-against-women>>. Acesso em: 8 set. 2021.

PEREIRA, Daniely Cristina de Souza; CAMARGO, Vanessa Silva; AOYAMA, Patricia Cristina Novaki. Análise funcional da permanência das mulheres nos relacionamentos abusivos: Um estudo prático. **Revista Brasileira De Terapia Comportamental e Cognitiva [online]**, v.20, n.2, p.9-25, 2018. Disponível em: <<http://rbtcc.webhostusp.sti.usp.br/index.php/RBTCC/article/view/1026>>. Acesso em: 8 set. 2021.

RODRIGUES, Josele Abreu; RIBEIRO, Michela Rodrigues. **Análise do Comportamento: Pesquisa, Teoria e Aplicação**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

SANTOS, Vanessa Carneiro. **Levantamento das variáveis que afetam a permanência de mulheres em relacionamentos abusivos à luz da Análise do Comportamento**. 2019. 50f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Psicologia) - Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA), Palmas, 2019. Disponível em: <<https://ulbra-to.br/bibliotecadigital/publico/home/documento/1276>>. Acesso em: 30 out. 2021.

SILVARES, Edwiges Ferreira de Mattos; JUNIOR, Francisco Baptista Assumpção; PRISZKULNIK, Léia. **Temas Clássicos da Psicologia Sob a Ótica da Análise do Comportamento**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2013.

SKINNER, Burrhus Frederic. **Ciência e Comportamento Humano**. 11 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

SKINNER, Burrhus Frederic. **Questões recentes na análise comportamental**. 5 ed. São Paulo: Papyrus Editora, 2005.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, v. 22, n. 44, p. 203-220, ago./dez. 2014. Disponível em: <<https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/10977>>. Acesso em: 20 out. 2021.